

INSTITUTO  
SÓCIO-AMBIENTAL

Documentação

Fonte: JORNAL DO BRASIL

Data: 04/02/99 Pg. 7

Class.: XAVAPO BRASIL

# Acordo com o governo favorece índios caiapós

ELIANA LUCENA

BRASÍLIA - Dezessete chefes de dez aldeias caiapós do sul do Pará assinaram ontem um acordo inédito com o Ministério do Meio Ambiente. Os índios se comprometeram a impedir novas derrubadas de árvores nobres, como o mogno, em suas reservas e, em troca, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA) vai autorizar a venda das toras já abatidas, no valor de R\$ 6 milhões.

Há dois anos, as atividades de madeiras dentro das áreas dos caiapós - onde cinco mil índios vivem em reservas de três milhões de hectares - foram proibidas pelo IBAMA, e as toras ficaram estocadas na floresta. O acordo foi assinado entre os caciques e o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho. Os caiapós comemoraram o acordo com um canto de vitória.

Para o dirigente do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), Márcio Santilli, o acordo não trará benefícios aos índios a longo prazo se o governo não ajudá-los a implantar projetos não predatórios nas reservas. "Em 1981, o próprio governo autorizou a presença de garimpeiros e de

madeiros nas áreas caiapós. Quando as ONG's passaram a condenar esta atitude, os índios foram reprimidos por destruírem o meio ambiente", afirmou Santilli, que já foi presidente da Funai. Com o comércio do ouro e principalmente do mogno, os índios tiveram acesso aos bens de consumo e agora não querem abrir mão dessa situação.

**Máfia** - O presidente do Ibama, Eduardo Martins, defendeu a repressão permanente aos madeiros. "Nos últimos anos, conseguimos desmontar a máfia da madeira que atuava nas áreas dos caiapós. Sem os madeiros, os índios não receberam o dinheiro pela madeira apreendida", disse Martins. A saída agora, segundo ele, é o governo começar a discutir com os índios atividades auto-sustentáveis, como o reflorestamento.

A exploração dos recursos naturais em reservas protegidas foi causa de desentendimentos entre Ibama e a Funai nos últimos anos. Em Monte Pascoal, na Bahia, o Ibama tenta impedir o comércio ilegal de madeira pelos índios pataxós. Na área dos caiapós, praticamente todo o mogno foi derrubado.

Martins adiantou que a venda da

madeira já abatida será acompanhada por representantes do Ministério Público. O dinheiro obtido com a venda será aplicado pela Funai em projetos dirigidos às aldeias. A derrubada de madeira nobre sempre foi acertada entre índios e madeiros.

O ministro do Meio Ambiente, por meio de um intérprete, disse aos índios que eles muitas vezes foram prejudicados "por pessoas más". A partir de agora, segundo Sarney Filho, "pessoas boas" estão dispostas a ajudar os caiapós. "Queremos que o homem e a floresta convivam bem", disse o ministro.

**Fofoca** - O representante dos caciques, Kubei, afirmou durante a cerimônia, que os caiapós "estão cansados de fofoca, e agora querem trabalhar junto com o governo". Os índios também queriam saber como ficará a direção da Funai com a morte de Silvestre Sullivan, morto num acidente aéreo na segunda-feira à noite, em Goiânia. "Espero que o governo, agora, não mude de idéia", afirmou o cacique. As negociações com o Ibama e o ministério do Meio Ambiente para liberar a venda da madeira já derrubada foram conduzidas por Sullivan Silvestre.